



O MENINO E AS RELAÇÕES PSÍQUICAS COM NATUREZA: REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS EM *OS CIMOS*, DE GUIMARÃES ROSA

Agnelso Oliveira Paré (UNEMAT)¹
Marcos Aparecido Pereira (IFMT)²

Resumo: O presente artigo visa analisar o conto *Os cimos*, de João Guimarães Rosa, na perspectiva do imaginário simbólico, a fim de refletir sobre a relação do ser humano com o ambiente natural que o cerca. Nesse sentido, partindo dos pressupostos de Bachelard (1988), Durand (2019), Jung (2016) buscaremos compreender a conexão estabelecida entre o personagem central, o menino, e a paisagem que se converte em muito mais que um cenário na narrativa, haja vista que o autor promove uma reaproximação do homem e da natureza, logo, elementos como plantas e animais integram-se às emoções e aos sentimentos do personagem multiplicando os sentidos do texto.

Palavras-chave: Natureza; Psique. Menino. Símbolos.

Abstract: This article aims to analyze the short story *Os cimos*, by João Guimarães Rosa, from the perspective of the symbolic imaginary, in order to reflect on the relationship between human beings and the natural environment that surrounds them. In this sense, based on the assumptions of Bachelard (1988), Durand (2019), Jung (2016) we will seek to understand the connection established between the central character, the boy, and the landscape that becomes much more than a scenario in the narrative, there is since the author promotes a rapprochement between man and nature, therefore, elements such as plants and animals are integrated with the emotions and feelings of the character, multiplying the meanings of the text.

Keywords: Nature; Psyche; Boy; Symbols.

1. Introdução

O conto *Os cimos* é a última narrativa de *Primeiras estórias*, uma obra composta de 21 textos curtos que trazem personagens e situações bastante peculiares. Neste trabalho, voltaremos nosso olhar para a relação estabelecida pelo menino, personagem central da narrativa, com o ambiente natural que o cerca. Nesse sentido, é possível constatar que as narrativas de Guimarães Rosa comumente apresentam a perspectiva de um homem profundamente interligado com a natureza (MEYER 2008). No conto em questão não é diferente, tendo em vista que a mata, a noite, o amanhecer, o pássaro e até o macaquinho, na verdade, são extensões da psique do personagem que nos levam a perceber as alterações de sentimentos e emoções ao longo da narrativa.

Compreendemos que o ser humano ainda se entende como um ser natural, ou seja, aquele que sente a natureza como parte de si. No entanto, o afastamento gradativo entre humano

¹ Acadêmico do curso Letras/Inglês – UNEMAT, Técnico em Agropecuária IFMT Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo; email: agnelso52@gmail.com

² Doutor em Estudos Literários – UNEMAT; Mestre em Ensino – IFMT. Docente IFMT Campus Cáceres professor Olegário Baldo e PPGEN – IFMT; email: marcos.pereira@ifmt.edu.br



e natureza pode implicar nesse sentido de pertencimento o que, por sua vez, impacta na maneira como cuidamos da natureza e, também, no modo como estabelecemos relações com o mundo ao nosso redor. Em outras palavras, esse distanciamento interfere na percepção do ser humano como parte de um sistema dinâmico e orgânico onde causas e efeitos de suas ações sobre o meio em que vive são indissociáveis, logo, é evidente que nossa espécie precisa encontrar o melhor equilíbrio entre suas necessidades e o mundo natural que sustenta sua existência.

Desse modo, o presente artigo visa analisar o conto *Os cimos*, de João Guimarães Rosa, na perspectiva do imaginário simbólico, a fim de refletir sobre a relação do ser humano com o ambiente em que vive. Nesse sentido, partindo dos pressupostos de Bachelard (1988), Durand (2019), Jung (2016) buscaremos compreender a conexão estabelecida entre o personagem central, o menino, e a paisagem que se converte em muito mais que um cenário na narrativa, haja vista que o autor promove uma reaproximação do homem e da natureza. Isso posto, elementos como plantas e animais integram-se às emoções e aos sentimentos do personagem multiplicando os sentidos do texto.

2. A natureza da psique

O conto *Os cimos* faz parte da coletânea *Primeiras estórias*, publicada em 1962. Nesse livro, João Guimarães Rosa apresenta textos geralmente curtos, com personagens e situações inusitadas em meio a universo simbólico plurissignificativo. No entanto, é possível constatar que a maior parte das narrativas apresenta um ser humano em estreita relação com a natureza, o que leva vários autores, como Coutinho (2013) ou Simões (1988), a destacarem a importância do pensamento mágico no desenrolar das estórias dessa obra. Esse pensamento mágico nada mais é do que o pensamento humano em harmonia com a natureza, ou, pelo menos, mais voltado a ela do que a sociedade moderna, urbana, científica e tecnológica. Nesse entendimento, a relação do indivíduo com o ambiente natural que o cerca se estabelece com uma base de pensamento própria que, muitas vezes, se distancia de uma perspectiva lógica e racional. Ainda nesse viés, é facilmente perceptível que os textos dessa coletânea apresentem crianças, loucos ou pessoas tomadas por sentimentos e emoções que não são capazes de controlar racionalmente.

No conto em questão não é diferente, pois ele nos apresenta um menino que é levado à casa do tio para passar alguns dias. Embora não fosse comunicado sobre o real motivo da



viagem, o menino sabia da situação de saúde da mãe e este seria o motivo de ser levado para a casa do tio. Nota-se que a visão do adulto é a de que o garoto não seria capaz de compreender a situação da mãe. A criança é vista como ser incompleto, incapaz de lidar com situações complicadas. No entanto, ao longo da narrativa é possível observar como a criança apresenta uma complexa gama de sentimentos e pensamentos que, assim como o adulto, seguem em busca de conforto, equilíbrio e/ou respostas para suas angústias e medos, como nesse caso, de perder a mãe.

Já nesse ponto é possível compreender a figura da mãe como a da própria natureza, assim, quando o menino se afasta da mãe, teríamos a representação da psique humana no momento em que ela se afasta da natureza, da perspectiva cíclica da vida e de uma relação harmônica com o meio ambiente. Jung (2016) explica que a psique é parte da natureza, portanto, ela busca proteção e equilíbrio em sua origem, assim como o menino busca conforto e refúgio nos braços da mãe. O que é facilmente perceptível no conto, uma vez que longe da mãe o menino sofre, perde o bem-estar. Aparecem sentimentos e emoções controversas e, então, ele tenta psiquicamente afugentar a dor e agarrar-se em algum tipo de esperança que reestabeleça a ordem natural das coisas e lhe retribua a paz.

O ambiente em que se passa a narrativa é o de urbanização e, conseqüentemente, de destruição do meio ambiente para a construção da cidade. No entanto, a casa do tio ainda possuía grande presença de fauna e flora, o que contribuía com o menino no sentido de se apegar a outras situações e ambientes. A casa do tio, desse modo, é um espaço de refúgio em que o menino é capaz simbolicamente lembrar-se da proteção da mãe, configurando-se, portanto, como um tipo de refúgio para as intempéries que se estão fora dele. Apesar de configurar-se como um abrigo onde ele deve ficar até que a mãe fique boa, a casa do tio não elimina a dor e o sofrimento, ao que podemos concluir que distante da natureza vivemos e sobrevivemos, experimentamos a existência em nossos refúgios pessoais. Uma vivência que, contudo, anseia pela idílica e talvez platônica paz e sossego da proteção materna.

De acordo com Bachelard (1988, p. 94), “a infância conhece a infelicidade pelos homens. Na solidão a criança pode acalmar seus sofrimentos”. É possível perceber que ao longo da narrativa é nesse espaço de solidão, pensando e olhando a natureza que o menino se sente um pouco melhor, pelo menos melhor do que no espaço urbano, andando de carro e sentindo os sacolejos da estrada. Assim. “também não dava vontade de sair de jeep, com o Tio, se para a poeira, gente e terra. Segurava-se, fechado os olhos [...]” (ROSA, 2016, p. 189). No entanto,



em alguns momentos, vendo o sol nascer e o pássaro que chega todas as manhãs, é possível reconhecer um sentimento de alívio, já que o pássaro sempre voltava “das sombras do mato” (ROSA, 2016, p. 192). Desse modo, apesar de ser habitado por preocupações complexas, já sabia que sem a mãe, ele estaria só, ele sentia esperança e a percebia no surgimento diário do pássaro que era capaz de sair da escuridão e vir todas as manhãs para alegrá-lo.

A criança não tem noção da morte, mas ele tem consciência da solidão e o abandono consiste em seu maior medo, como explicitam Corso e Corso (2006). Assim, quando se afasta da mãe, ele se sente vulnerável, abandonado, pois percebe que nada nem ninguém substitui a presença da mãe. E, como não pode fazer nada a respeito, fecha-se em sua solidão, às vezes fechava os olhos e, ainda, com seu brinquedo preferido (o macaquinho) no bolso tentava acalmar-se, pensar coisas boas. Nesse viés, no final da narrativa, podemos notar que ele tenta imaginar-se que está junto à mãe.

A mãe doente nos leva a refletir sobre um sentido que ultrapassa o recorte afetivo e direciona a um sentimento de desorientação. Sem a mãe, ele perde seu ponto de referência, seu mundo, por assim dizer. Esse sentimento aparece em meio a um cenário de urbanização e desconforto indicando a estranheza de um mundo de máquinas, artificialidade e de destruição. Durante o dia e o trajeto no carro do tio, nada é agradável, como vemos no texto, mas o tio adverte “que ele não devia se agarrar com tão tesa força, mas deixar o corpo ir e vir dos solavancos do carro” (ROSA, 2016, p. 189). Nota-se que inevitabilidade dos problemas da vida, mas também a certeza de que o tempo refaz todas as coisas e traz novas perspectivas, além, obviamente da impossibilidade de dominar a passagem do tempo, havendo, portanto, a necessidade de entregar-se a ela e ao seu ciclo natural. Além disso, é possível relacionar a destruição do ambiente natural testemunhada pelo menino com o afastamento da mãe, pois ambos provocam desconforto e estranheza à psique que tenta a todo instante impor ordenança no caótico mundo criado pelas mãos humanas.

Nesse sentido, o único alívio e entretenimento restantes ao menino parecem ameaçados. A natureza que é observada da janela é então seu único momento de conforto e o que gera seus sentimentos de proteção, mas em um cenário de processo de urbanização, sendo que nesse processo não cabem grandes florestas. As florestas representam os perigos e as incertezas que vêm do inconsciente, aquilo que não controlamos, que não criamos conscientemente, mas que sabemos que está na base de tudo o que somos e que fazemos. Nota-



se o contraste entre a natureza e a artificialidade do mundo urbano da mesma forma que se nota a oposição de sentimentos do menino em relação aos cuidados da mãe e aos do tio.

Ainda nesta perspectiva, a mãe representa uma relação natural enquanto o tio uma relação sociocultural estabelecida. Ao mesmo tempo, a imagem de ambos configurada em masculino e feminino nos direcionam às instâncias consciente e inconsciente de nossa constituição. Logo, a mãe simboliza a condição inalienável do homem de ser parte da natureza e de encontrar meios à subsistência e conforto; enquanto isso, o tio estaria ligado às elaborações humanas que garantem a vivência em sociedade. Ambas são importantes, mas somente a segunda tende a “moldar” o ser humano à padrões não naturais e esse movimento sempre gera consequências.

O afastamento da mãe faz com que o menino perca o prazer e a beleza nas coisas e, mesmo na viagem, pouco conseguiu se concentrar em outra coisa a não ser na mãe. Ou seja, sua psique o direciona à mãe, referência máxima de sua existência e manutenção no mundo. Sem ela, o menino se sente completamente abandonado no mundo, apesar de haver o tio que, para ele, é entendido como um tipo de “artificialidade” dos cuidados e do abrigo que só a mãe poderia proporcionar de forma integral e verdadeira. Assim, o menino não se sente protegido, tampouco tem suas necessidades emocionais e afetivas fundamentais satisfeitas, indicando que apenas a mãe pode nutri-lo plena e integralmente de forma física ou psíquica.

Na viagem, o menino levará um brinquedo especial que se converte em companheiro: “o bonequinho macaquinho”. Porém, o brinquedo tinha um problema: o macaquinho tinha uma roupa divertida e feliz, especialmente a cor viva do vermelho do chapéu, o que, por sua vez, contrastava com a situação que ele estava vivendo. É por isso que ele tira o chapéu do brinquedo. Quando ele joga o chapéu do macaquinho fora é possível perceber a transferência de sentimentos da criança para o boneco, assim, o brinquedo converte-se na representação da própria psique da criança que perde a alegria de existir.

Nesse contexto, os cuidados e os sentimentos expostos, em pensamento, para com o macaquinho são, na verdade, os sentimentos projetados do menino. De acordo com Jung (2014) o inconsciente é projetado, assim, obviamente os sentimentos, os medos e as angústias do menino são projetados no macaquinho. É desse modo que permanecem as calças pardas que, de certa forma, seriam adequadas para o garoto, afinal, não havia espaço para as cores, pois cores alegres ele se sentia como aquelas calças “pálidas”, sem brilho, sem alegria e sem vida.



É válido acrescentar, ainda, que o macaco tem estreita relação com o mundo infantil no que se refere às peraltices, às brincadeiras e até à ingenuidade, se comparado ao mundo “adulto”. Isso posto, é possível refletir sobre a construção de maneiras de ser e de agir que o homem vai, aos poucos, assimilando em sociedade. Ou seja, naturalmente, somos como crianças, desprovidos de traços e demarcações socioculturais, de divisão de espaços e de classificações; ou, ainda, somos distanciados de preconceito de qualquer espécie e, também, de balizamentos sociais que impõem comportamentos e repressões. Assim, o macaquinho representa a psique em seu estado de gênese: curiosa, sedenta por experimentar o mundo e ser feliz a cada nova sensação, um universo natural onde não há regras ou impedimentos socioculturais.

Assim, mesmo que a imagem de um macaquinho nos faça lembrar de coisas alegres e travessuras, o bonequinho macaquinho assume então um papel fragilizado, tal qual o menino, desprotegido. Embora o menino não pudesse estar com sua mãe e cuidar dela, do bonequinho ele poderia cuidar e não deixaria nada acontecer com ele. Ou, o inverso: apesar de ele não poder estar com a mãe e ser cuidado por ela, ele assume a postura de cuidador do macaquinho, já que transfere a esse brinquedo os próprios sentimentos. De uma forma ou de outra, ele se afasta da ideia de incapacidade de proteção e, conseqüentemente, da ideia de perdê-la, separar-se para sempre dela.

Bachelard (1993, p. 205) diz que “o espaço chama a ação, e antes da ação a imaginação trabalha. Ela ceifa e lavra. Seria preciso falar dos benefícios prestados por todas essas ações imaginárias”. Assim, em sua imaginação, o menino estaria ajudando a mãe, talvez não como ele gostaria, mas seria capaz de proteger alguém, o seu amigo e companheiro o bonequinho macaquinho, tal como gostaria de estar junto com a mãe e ser protegido por ela e, também, de cuidar dela, enquanto ela estivesse doente. Ou seja, a representação de um instinto que nos é natural, o cuidado com o que é semelhante, com aquele que estabelecemos laços afetivos. A imaginação antecipa e organiza a ação, o que explica o final do conto, pois, ali temos um menino que já se imagina com a mãe e que agora poderá agir, reproduzir em forma de atos todos os cuidados e os carinhos que se imaginou durante o período de afastamento. É por isso que quando o tio avisa que chegaram, ele responde enigmático: “ah, não. Ainda não...” (ROSA, 2016, p. 194). Portanto, tudo começaria de verdade, renovado, a partir daquele momento.

Com o passar dos dias na casa do tio, poucas coisas interessam ao garoto de forma que a natureza que era vista ao redor da casa era o que o ocupava todas as manhãs. O fato de não



ter outros garotos por ali também o confortava de forma que assim conseguiria se concentrar em não se divertir, pois só conseguiria aquilo novamente com sua mãe saudável e fora de perigo. Assim, para o menino os bons momentos seriam somente lembrados com a imagem da mãe boa e sã. Os doces não têm sabor, os passeios não têm alegrias e as brincadeiras não têm propósito, tudo indicando que todas as coisas residem no universo da psique. Logo, quando a psique está bem toda a vida ganha sentido, quando não está todas as coisas perdem o sentido.

No conto, Guimarães Rosa se utiliza das belezas da manhã onde os pássaros, as árvores grandes e pequenas e as vegetações estão presentes de forma a também mexer com o imaginário do leitor. A frequência em observar a natureza e o raiar do sol todos os dias quase faziam o menino esquecer da situação da mãe, visto que aquela beleza era sincera e pura, um cenário diferente daquele que ele estava vivendo psiquicamente, pois todos na casa o estavam tratando-o com muita cautela e simpatia a fim de tornar seus dias mais felizes, mas só o que conseguiam era lembrá-lo de sua mãe. Nessas manhãs, portanto, a presença repetida do sol demarca a visão cíclica da natureza (DURAND, 2019) e, portanto, a esperança de recomeço de todas as coisas, logo, quando o menino assiste ao nascer do sol ele o faz com a esperança de que voltará ao estado de antes, o que lhe é natural: junto com mãe.

Nesse sentido, nota-se, ainda, que a árvore, assim como a mãe, é símbolo de vida e que o pássaro sugere elevação. Somados esses dois elementos ao repetido nascer do sol percebemos que o desejo de elevação da psique se dá na busca pela perpetuação da vida e pela garantia de uma qualidade dessa vida. Ou seja, a união do instinto de sobrevivência e de disseminação da vida aliado à uma noção de condições que tornem a experiência de vida frutífera distanciando-nos das asperezas dos conflitos das interrelações sociais e biológicas.

Em uma das manhãs de observação há, numa extremidade do horizonte, o sol apontando e, em outra, a neblina noturna e o orvalho se dissipando no ambiente. Essa imagem reforça o caráter cíclico da natureza demonstrando como dia e noite, morte e vida se articulam no constante bailar da natureza.

O menino observa um pássaro da espécie tucano. O colorido, do bico aos olhos, mas, principalmente, o fato de que o animal era livre para ir e vir, chama atenção do personagem. O surgimento desse tucano que se alimentava em um “tucaneira” próxima a casa, dá outro rumo à narrativa, pois, além de liberdade, representa a esperança e a alegria que emergem da escuridão da mata a cada novo dia. Além disso, podemos fazer a mesma relação do menino perdendo sua mãe como o pássaro frente a um ambiente de urbanização: o animal também



estaria perdendo sua “Mãe”, logo, talvez seja por isso que pássaro e menino estabeleçam um tipo de conexão. O animal volta todos os dias pela manhã e o menino se coloca ali no mesmo lugar todos os dias para observá-lo. É como se um proporcionasse esperança ao outro. Esperança de que, apesar das intempéries, a vida continuaria. Enfim, se assumirmos que assim como o animal conseguiria suportar as dores e voar e posicionar-se pontualmente naquelas árvores, o menino sente que também é capaz e isso aumenta sua esperança dia a dia.

De acordo com Durand (2019), os pássaros são símbolos ascensionais e, portanto, representam o desejo de ascensão contido na psique humana. No conto, esse desejo de ascensão está mais diretamente relacionado ao retorno da proteção da mãe, afinal, a criança tem na mãe a imagem de um ser supremo, divinizado e superior, capaz de protegê-la de quaisquer tormentas. Assim como leva o garoto a refletir sobre a situação do pássaro, pois, talvez estariam na mesma situação. No entanto, diferentemente do garoto, o tucano continuaria as suas atividades rotineiras, ou seja, mesmo com seu habitat em perigo, o pássaro, dentro da visão da criança, matinha suas atividades diárias e, de certa forma, “radiante” com todas as suas cores vivas. Ou seja, ele entende, instintivamente, que pode fazer o mesmo e que tudo se resolverá, como podemos perceber no trecho: “o Menino, calado consigo, teimoso de só amor, precisava de se repetir: que a Mãe estava sã e boa, a mãe estava salva!” (ROSA, 2016, p. 192).

Mesmo que o tucano representasse muito mais do que o garoto conseguisse sentir no momento, a admiração e o sentimento de esperança cresciam assim como todas as manhãs que o animal aparecia. O pássaro vinha todas as vezes no mesmo horário e o garoto sabia, pois o tio sempre estava a olhar o relógio. Mesmo que o menino não conseguisse perceber o fato do tio estar olhando quase que em todos os momentos as horas era por que estava ansioso. Essa ansiedade pode ser compreendida, na visão de Durand (2019), como o tempo devorador, a passagem do tempo com a qual o ser humano luta, foge e constrói mecanismos para retardar o inevitável, o envelhecimento e a morte. Como mencionado anteriormente, para o menino, por outro lado, o pior medo de todos não é a passagem do tempo e a própria morte, para a criança, o sentimento mais assustador é o abandono, é sentir-se num mundo estranho, desamparado de afetos e cuidados.

3. Considerações finais



Assim como o garoto no conto, a percepção de que se está perdendo o que é natural pode levar-nos à compreensão de que a natureza é primordial à nossa existência. Somos parte da natureza e quanto mais afastamos nossas percepções psíquicas desse mundo natural e moldamos nossa mente em construções artificiais, mais há necessidade de avaliar e reavaliar o tipo de interação e as consequências dessas mudanças em nossa constituição básica.

Obviamente nota-se um amadurecimento psíquico do menino a partir do sofrimento oriundo do distanciamento da mãe. No entanto, a simbologia do pássaro ressurgindo da mata todas as manhãs indica a importância da observação do ciclo natural da vida sob pena de interferir em instâncias que garantem a nossa sobrevivência. Assim, é preciso criar, moldar, construir e evoluir socialmente e psiquicamente, sem, contudo, romper com os refúgios e a proteção essencial que garantem a existência da nossa espécie.

A artificialidade, o consumismo e a destruição da natureza estão intrinsecamente ligados à noção de não-pertencimento que, ao longo do tempo, tomou conta do homem urbanizado. A industrialização afastou a psique humana do ambiente natural e esse afastamento produz efeitos sobre a maneira como nos relacionamos com a natureza. Assim, enquanto não voltarmos formos como o menino que sente, deseja e imagina voltar para junto de sua mãe, esse ser de caráter único e insubstituível, talvez não consigamos diminuir as ansiedades, as angústias e os sofrimentos que a vida moderna nos impõe.

Referências

BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mario. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COUTINHO, Eduardo F. **Grande Sertão Veredas: travessias**. São Paulo: Realizações, 2013.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

JUNG, Carl Gustav. Chegando ao inconsciente. In: JUNG, Carl G. [et al.] **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente** [versão kindle]. Petrópolis: Vozes, 2014.



MEYER, Mônica. **Ser-tão natureza**: a natureza em Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ROSA, Guimarães. Os cimos. In: ROSA, Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SIMÕES, Irene Gilberto. **Guimarães Rosa**: as paragens mágicas. São Paulo: Perspectiva, 1988.

